

A Architectura Portuguesa

REVISTA MENSAL

DA

ARTE ARQUITECTURAL

ANTIGA E MODERNA

Colaborada por architectos e escritores de arte portuguesa

	ANO VII — N.º 12	DEZEMBRO — 1914	
SUMARIO			
AS NOVAS INSTALAÇÕES DO HOTEL FRANCFORT, PROPRIETARIO O EX. ^{ma} SR. JOÃO NARCISO DA SILVA. — <i>Nunes Collares.</i>			
PROJÉTO DAS NOVAS INSTALAÇÕES — ARQUITECTO, FREDERICO DE CARVALHO.			
INTERCALARES XXIII E XXIV DO PROJÉTO.			
ASSINATURA			
PAGAMENTO ADIANTADO			
Trimestre	500	Para os países da união postal	
Semestre	1000	Ano	1000
Ano	3000	Anuncios pela tabela confor-	
Avulso	50	me o espaço.	

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PALMIRA, 58, 2.º — LISBOA

COMPOSTO E IMPRESSO NO

CENTRO TIPOGRAFICO COLONIAL

LARGO DA ADEGOARIA, 27 E 28 — TELEFONE 2337

LISBOA

A ARQUITECTURA

Revista mensal
de construção
e de arquitectura pratica

PORUTGUESA

Director-proprietario: NUNES COLARES

Secretario da redacção: MARIO COLARES

Composto e impresso no Centro Tipográfico Colonial—Largo da Abegoaria, 27 e 28
Fotografias de O. A. Garçey Rodrigues — Gravuras de Pires Marinho & C.ª

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PALMIRA, 58, 2.º — LISBOA

AS NOVAS INSTALAÇÕES

DO

Hotel Francfort

Proprietario o Ex.º Sr. João Narciso da Silva

ARQUITECTO:

O Sr. FREDERICO DE CARVALHO

CONSTRUCTOR:

O Sr. LUIZ C. PEREIRA DE CARVALHO

Vamos dar uma sumaria noticia do que são as belas e novas instalações do Hotel Francfort, que, mercê das mesmas, se tornou a melhor casa de hospedagem da capital.

Não proseguiremos, porém, sem primeiro apresentarmos aos nossos leitores, o novo colaborador artistico desta revista, o novel architecto e nosso amigo sr. Frederico de Carvalho, que ha pouco terminou com brilhantismo o seu curso de architectura na Escola de Belas Artes de Lisboa.

O sr. Frederico de Carvalho já tem dado as suas provas praticas em diversos trabalhos que tem merecido os encomios dos apreciadores.

Que nos lembre, os mais recentes, foram e estão sendo executados em Evora, na opulenta e linda vivenda do Ex.º Sr. Conde da Ervideira. Ali tem mostrado o sr. Frederico de Carvalho os seus dotes de verdadeiro artista e esperamos, quando todos os trabalhos estiverem executados, dar aqui as provas do que afirmamos.

De resto, Frederico de Carvalho é filho do nosso velho amigo, Luiz Caetano Pereira de Carvalho, que

se tambem não é um architecto, não é porque não tenha a *linha* e o saber de muitos dêles, pois tem estudado muito, tem produzido muito e bem. A sua bibliotheca é, sem contestação, uma das mais ricas e abundantes em obras de architectura do estrangeiro, e tudo o que se correlaciona com essa arte, estudando-lhe continuamente os progressos.

No entanto, bastante modesto, Pereira de Carvalho, confina-se em construtor civil, apesar de ter apresentado projéto que, sem exagero, qualquer architecto não se dedignaria de firmar com o seu nome.

Luiz Caetano Pereira de Carvalho é tambem desde muitos anos, chefe de divisão do corpo de bombeiros

municipais de Lisboa, onde tem tido ocasião de prestar relevantes serviços, pelos quais tem sido louvado diversas vezes, obtido diversas medalhas de salvação e até condecorado.

A um tal pai, não devia corresponder um filho *que lhe não seguisse as pizadas*. Ahi fica, pois, a apresentação.

O Hotel Francfort de que nos ocupâmos está situado, como muitos, mas não todos dos nossos lei-

tores sabem, na rua de Santa Justa, com frentes para as ruas Augusta e dos Sapateiros, e embora seja um dos mais antigos, senão o mais antigo e dos melhores hotéis da capital, faltavam-lhe umas instalações mais amplas e confortaveis para satisfazer as exigencias sempre crescentes do progresso e comportar o numero, sempre em aumento, dos seus clientes.

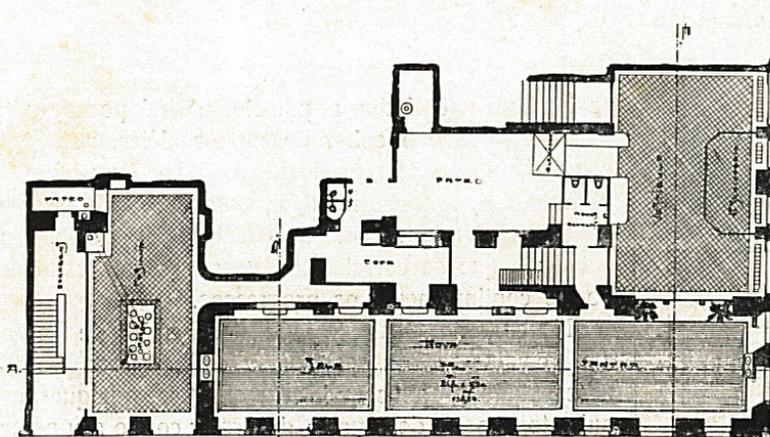
Vontade e coragem não faltava ao seu digno proprietario, o Ex.º Sr. João Narciso da Silva, auxiliado sempre pelo seu infatigavel gerente e velho amigo, o Ex.º Sr. Antonio Cintra, mas era preciso



UM TRECHO DA FACHADA DO HOTEL — A PARTE BAIXA QUE FOI MODERNISADA

resolver inumeras dificuldades, a primeira das quais era a obtenção de espaço.

Havia o do lendario café Marrare, como que engravado nos baixos do hotel, do lado da rua dos Sapateiros. Depois de varias conferencias conseguiu o Ex.^{mo} Sr. Silva chegar a um acôrdo com o proprietario do Café, adquirindo, por uma verba importante a posse daquêle antiquissimo estabelecimento.



PLANTA DA PARTE MODERNISADA

Para os nossos leitores que não conheçam o velho café Marrare, para os muitos que lhe passaram todos os dias pelas portas e que nunca lh'as transpuzeram, talvez com o receio do cheiro a bafio, talvez agora interesse saber o que foi esse velho estabelecimento.

O café Marrare foi instalado, naquêle local em principio do seculo XIX, ahí por 1805, segundo as cronicas, vivendo, pois cento e nove anos, se é que nos ultimos tempos dêle se podesse chamar *viver* e não *vegetar*!

Teve de dar logar ao Progresso, coitado!

E, comtudo, era um estabelecimento que tinha sido

guarnições, colunelos canelados, capiteis, coroamentos, aparadores, guarnecimentos, em obra de talha, era tudo em mogno, polido, não em folheado, como hoje geralmente se vê, mas maciço.

As bancadas, a cada lado do estabelecimento, eram agarradas as paredes, ligando com os lambris de altura aproximada a metro e meio. De espaço a espaço, eram essas bancadas cortadas pelos colunelos de que acima falámos e que eram encimados por capiteis, de béla talha da mesma madeira de mogno.

Os grandes vidros de espelhos, mediam um centimetro de espessura, como vimos depois de deslocados.

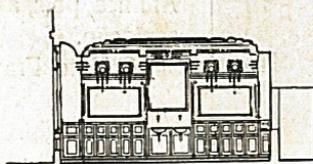
O aço já tinha desaparecido quasi por completo e o proprio vidro já estava nalguns pontos tão corroído, que se não podia aproveitar a não ser que o mandassem polir de novo á Belgica, pois cá não se executa esse trabalho.

Os estragos do tempo não tinham passado impunemente por sobre aquêles reflectores, em que se tinham mirado, desvanecidos da sua elegancia, tres gerações de peraltas, de Marialvas e de militares, tudo o que em Lisboa dava o tòm, á mistura com aventureiros, toureiros de verão... e toureiros de inverno!

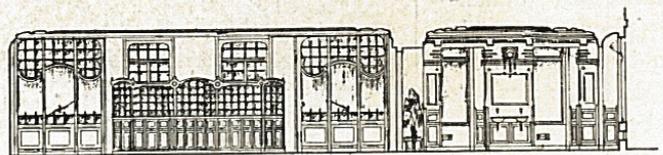
Ali se tramavam conspirações, ali se combinavam raptos, se resolviam negocios, se deremiam contendas.

Ali se tramavam conspirações, ali se combinavam raptos, se resolviam negocios, se deremiam contendas.

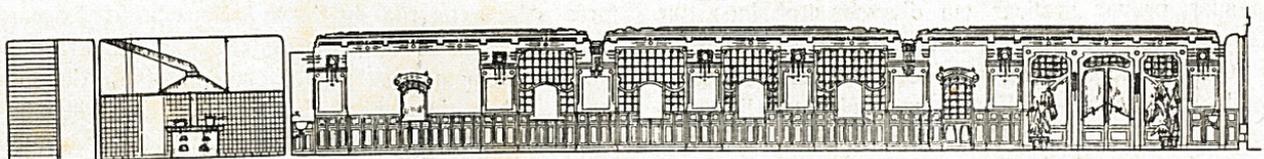
Isto na parte propriamente dita do café. Na parte destinada aos bilhares, ao fundo, eram os celebres, os landarios bilhares, enormes, com bolsas de rêde de côr verde, nos angulos e aos centros, de cada lado, para os jogos da russiana, franceza e outros que precisavam dos *azares* como se chamavam aos tais



CORTE POR C. D.



CORTE POR E. F.



CORTE POR A. B.

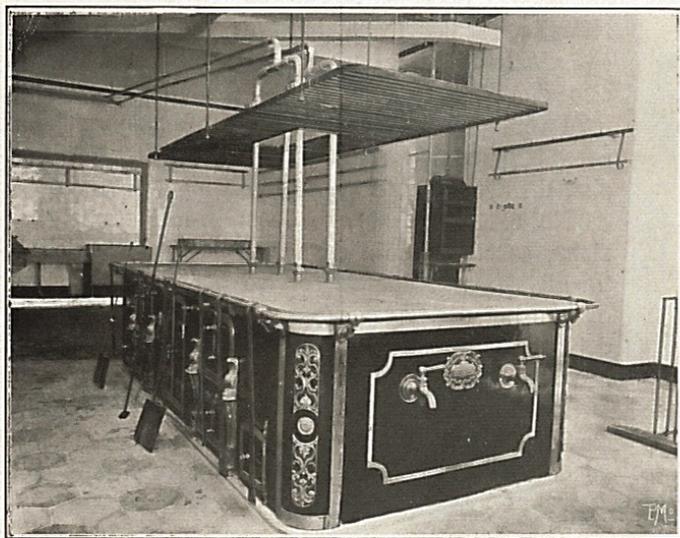
feito com tal luxo para a sua época, que hoje, se tivesse de ser feito como o foi outr'ora, custaria alguns contos de réis!

Todas as suas madeiras em lambris, bancadas,

buracos com as tais bolsas, jogos de que passou a moda, mas que então faziam as delicias dos jogadores e a raiva dos nossos avós quando certas bolas se *negavam* nos *azares*.

Ultimamente, porém, não houve remedio senão arranjar um bilhar de carambolas, pois que os avós tinham-se ido descançar das lutas da vida e os netos já não tinham forças para dar *tacadas* em que as bólas tinham de percorrer distancias enormes para chegarem ao seu destino.

Tudo, porém, desapareceu, e agora os amadores de antiguidades daquêlê genero, ainda podem satisfazer o apetite indo ao Terreiro do Paço tomar o seu



UM TRECHO DA GRANDE COZINHA

café num estabelecimento que está sob a arcada ao fim da rua da Prata, á esquerda entrando naquêlê Terreiro, que resistiu mais do que o pobre Marrare, visto que lá está impavido, tendo os seus clientes cronicos.

Mas, se continuamos a divagar por esta tórma, enchamos a revista e tratamos de tudo, menos da parte moderna, da parte architectonica das novas instalações do Hotel Francfort.

Foi, pois, com a aquisição do café Marrare, que se poderam fazer as novas instalações do hotel, sendo o local onde era o velho estabelecimento transformado no esplendido salão-restaurante, que é a sala de jantar do Francfort, tendo no mesmo prolongamento

a respetiva cosinha, como os nossos leitores poderão vêr na planta e no corte por A B que publicâmos.

Já que falámos na planta devemos fazer uma reificação. A planta teve de ser modificada na parte

respeitante ao vestibulo, no qual, primitivamente, se pensára em colocar o escritorio entre as portas de entrada e depois se resolveu, muito sensatamente, collocar-o no lado oposto, com como se vê na respectiva gravura do Intercalar XXIII, de *Um trecho do vestibulo*.

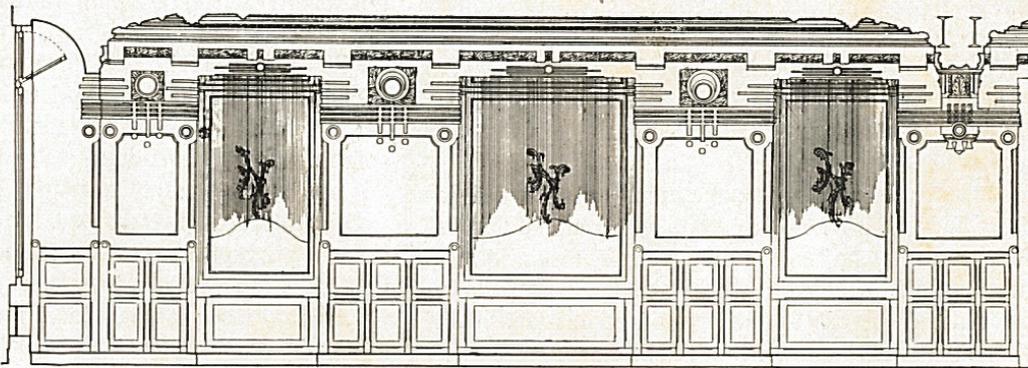
Mas, vamos, por ordem e com ordem. Já que falámos do vestibulo devemos dar uma palida idéa do que é essa bêla peça de construção, e das grandes modificações que sofreu, a ponto de o tornar o que é.

Foi bastante ampliado, tendo do lado da entrada, pela rua de Santa Justa, dois guarda-ventos, um em cada porta. Tanto estes guarda-ventos, como o que separa a vestibulo do salão-restaurante, as portas que dão acesso ás escadarias colocadas de cada lado do escritorio, todo o trabalho de marcenaria dêste, o do fundo do mesmo, foi executado com todo o primôr nas oficinas proprias do constructor, Sr. Carvalho.

Os bêlos trabalhos de pintura do tétô, assim como os de guarnição em paredes, são do habil artista sr. J. Gonçalves Junior, que não conhecemos, e que se desempenhou do encargo com muita inteligencia e bom gosto. São deste mesmo artista as decorações do mesmo genero no salão restaurante, assim como os monogramas nos vidros das montras e portas.

Os bêlos trabalhos de estuques são do sr. Constantino Barge.

O que ficou sendo o grande vestibulo do Francfort, pôde ajuizar-se, quando não de *vista*, pela boa gravura em que está reproduzido, embora ainda nela se não veja o magnifico mobiliario com que depois foi guarnecido, que é composto de *fauteuils* sistêma Maple, de Londres, tendo a um dos ladas, em frente da entrada para o salão-restaurante, uma secretária para os clientes do hotel tomarem quaesquer apontamentos.



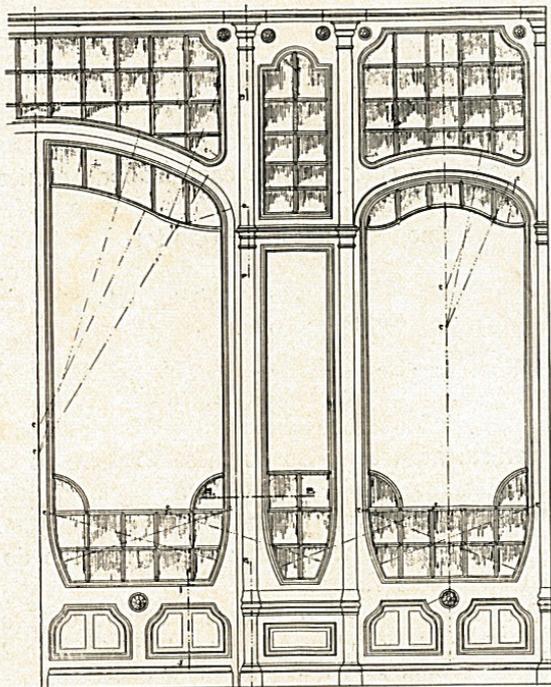
DETALHE DO SALÃO

Abrindo-se o guardavento, colocado á esquerda de quem entra, achamo-nos no salão-restaurante, ou seja a sala de jantar do hotel, uma bêla peça de architectura, com 40 metros de comprimento por 6 de

largo, e que pode comportar mais de 300 pessoas todas dispostas em pequenas mezas para 2, 4 e 6 pessoas.

Como dissémos já, as pinturas e douraduras do tecto e frisos deste salão, são do mesmo autôr dos trabalhos no mesmo genero, no vestibulo, havendo aqui mais um quadro pintado ao fundo do salão e onde se acha tambem collocado o relógio.

O chão é forrado com *lanilite*, um bom produto, de resistencia a toda a prova, pois não fende e con-



DETALHE DO GUARDA VENTO DO VESTIBULO PARA O SALÃO DE JANTAR

serva sempre o seu bom aspecto. E' produzto da casa *The Lanilite Patent*, S. A. R. L., do largo do Stefens.

Este enorme e bello salão, talvez, no seu genero o primeiro de Lisboa, recebe a luz natural por doze janélas e portas. A luz artificial é fornecida por grande numero de lampadas eléctricas collocadas no tecto, sendo as mais pequenas nos angulos de cada talhão em que é dividido o salão e as maiores ladeando em sentido longitudinal as ventoinhas movidas pela electricidade.

Grandes espelhos ocupam todos os vãos das janélas e do outro lado do salão em frente das mesmas, assim como nos extremos, de fórma que, á noute, a electricidade incidindo sobre esses numerosos espelhos e neles reflectindo a policromia clara da sala produz um efeito deslumbrante.

Temos em seguida a cozinha, que não é de algunos importancia em estabelecimentos desta ordem. Antes é um dos seus principais elementos.

A do Hotel Francfort será difficil ter rival. E' por detraz do extremo do salão-restaurante e completamente independente do mesmo. Uma das nossas gra-

vuras mostra um trecho da mesma, onde se vê um grande e bello fogão, uma das melhores peças que no genero temos visto. E' obra das oficinas de serralharia do Sr. Silvestre, na rua Eugenio Santos.

Nesta parte estão os tubos condutores de ar quente e atmospheria das outras dependencias, que são absorvidos por um extracto eléctrico que deita para o patio do edificio.

No sub-solo são as caves do antigo café, muito ampliadas, pois abrangem todo o salão e cozinha. Nêlas se acham numa divisão a falada frasqueira do café Marrare, tambem adquirida pelo Ex.^{mo} Sr. Narciso da Silva, noutras a adega, frigorificos, quartos para vestir do pessoal e meza dos criados, deposito para bagagens e arrecadações do material de cozinha, da pastelaria, da copa, etc.

No mesmo pavimento do salão-restaurante e cozinha, encontram-se a copa e dispensa, havendo noutra divisão a escada de serviço por onde se faz todo o transito de bagagens, creados, etc., de fórma a deixar o vestibulo completamente livre para a serviço dos hospedes.

O hotel tem 150 quartos, dos quais 24 novos, em construção quasi concluida. São feitos no local que ocupava a antiga sala de jantar, escritorio e cozinha.

Tambem se acha quasi concluido um bello salão de invreño, com uma galeria num dos extremos, havendo além disso a sala de leitura, o que, junto com o bello vestibulo, são pontos de distração dos hospedes, que nenhum hotel de Lisboa possui.

Eis, a largos traços, o que são as novas instalações do Hotel Francfort, que o collocam na primeira ordem dos estabelecimentos do mesmo genero em todo o paiz.

Não são demais todos os louvores tributados á iniciativa e ao arrojo do proprietario do Francfort, Ex.^{mo} Sr. Narciso da Silva, que não duvidou empregar enormes capitais para tornar o seu hotel o primeiro da capital.

Se porém, muito se deve, para este resultado á iniciativa e arrojo do proprietario do Francfort, não é justo deixar no esquecimento os seus inteligentes colaboradores, devendo-se salientar nesse numero, o do seu activo gerente e amigo, o Ex.^{mo} Sr. Antonio Cintra, incançavel trabalhador e um dos mais entusiastas propugnadores dos melhoramentos agora introduzidos no estabelecimento.

Ainda falta para terminar, mencionar o nome de um modesto mas inteligente artista, colaborador do architecto e do construtor, que é o Sr. Guilherme Alves Neto, o encarregado da execução geral dos trabalhos, ao qual muito se deve a perfeição inexecedível como foram executados.

NUNES COLLARES.

AS NOVAS INSTALAÇÕES

DO

HOTEL FRANCFORT

PROPRIETARIO O EX.^{MO} SR. JOÃO NARCISO DA SILVA



SALÃO DE JANTAR

ARQUITECTO: FREDERICO DE CARVALHO
CONSTRUCTOR: LUIZ C. PEREIRA DE CARVALHO

ANO VII — N.º 12

AS NOVAS INSTALAÇÕES

DO

HOTEL FRANCFORT

PROPRIETARIO O EX.^{MO} SR. JOÃO NARCISO DA SILVA



UM TRECHO DO VESTIBULO